

# 30 ANOS DE SIGNIFICÂNCIAS

em busca dos achadouros



# 30 anos de Significâncias

EM BUSCA DOS ACHADOUROS



EDIÇÃO  
THEMAeducando

TEXTOS  
Mariela Mei

RELATOS DE INSPIRAÇÃO  
Educadoras e colaboradoras da Escola THEMAeducando

REVISÃO E PREPARAÇÃO  
Mariela Mei

PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL  
Mariela Mei  
Livia Benetti

CAPA  
Livia Benetti



IMAGENS  
Crianças da escola THEMAeducando

IMPRESSÃO  
Top Gráfica

Os direitos desta obra pertencem à escola THEMAeducando.  
É proibida sua reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por  
qualquer meio, sem autorização prévia.

1ª EDIÇÃO

2017

THEMAeducando

# 30 anos de Significâncias

**EM BUSCA DOS ACHADOUROS**

2017

Campinas-SP

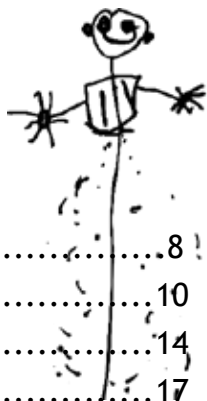


*Muito cedo o dom de educar já tomava espaço em meu coração, este desejo de estar próxima das crianças, criar um espaço em que pudessem sentir o quanto eu as queria por perto. E de um desejo simples de sala de aula surgiu uma missão muito maior: uma escola. O trabalho, os espaços conquistados, os aprendizados adquiridos, cada criança que passou, que cresceu conosco, que levou em sua memória aprendizados que vão refletir por toda a vida...*

**MYRIAM - a Tia Myroca -  
fundadora da escola THEMAeducando**



## SUMÁRIO



A ESCOLA .....	8
O LIVRO .....	10
A BATUTA MÁGICA .....	14
EU ME LEMBRO DE VOCÊ .....	17
QUANDO SE PODE TOCAR AS ESTRELAS .....	18
O MENINO QUE QUERIA SER CONSTRUTOR.....	19
VEM DANÇAR COMIGO .....	20
O SAPATO QUE ACARICIOU O CORAÇÃO DO MENINO.....	22
SONHO QUE SE SONHA JUNTO.....	24
A VIAGEM DO PEIXE-MÚMIA .....	28
O DIA DE BELEZA DE JUJU.....	31
EXISTE TATO NO CORPO TODO?.....	32
AS NOVAS PERNAS DE HEITOR .....	34
O PIQUENIQUE .....	36
O CORAÇÃO DO PLANETA.....	38
O SUMIÇO DA SANDÁLIA VERDE .....	40
MENTIR DE NOVO? NUNCA MAIS! .....	41
O CAUSO DA BAGUNÇA DO LEITE EM PÓ .....	42
O MORDEDOR SEM DENTES.....	44
O MEU BEBÊ .....	48
IDENTIDADE .....	72

## A escola...

Um espaço de vida e transformação no qual o valor humano está presente de forma sensível e como central de qualquer THEMA ao longo desses anos.

Como escrever sobre a história da escola sem referenciar a minha própria? Afinal, as duas histórias são quase uma só. Enquanto criança, vivenciei a escola em todas as suas possibilidades, uma época em que nem imaginava o que aconteceria nos anos à frente, vivia a intensidade do tempo presente das descobertas. Então, a distância se fez necessária com a dedicação profunda aos estudos até a graduação - de mãe para filha, a opção pela educação por seu encantamento, estendendo-se à busca de sentido e significado para a vida com a maternidade e a escolha que eu faria para meus filhos.

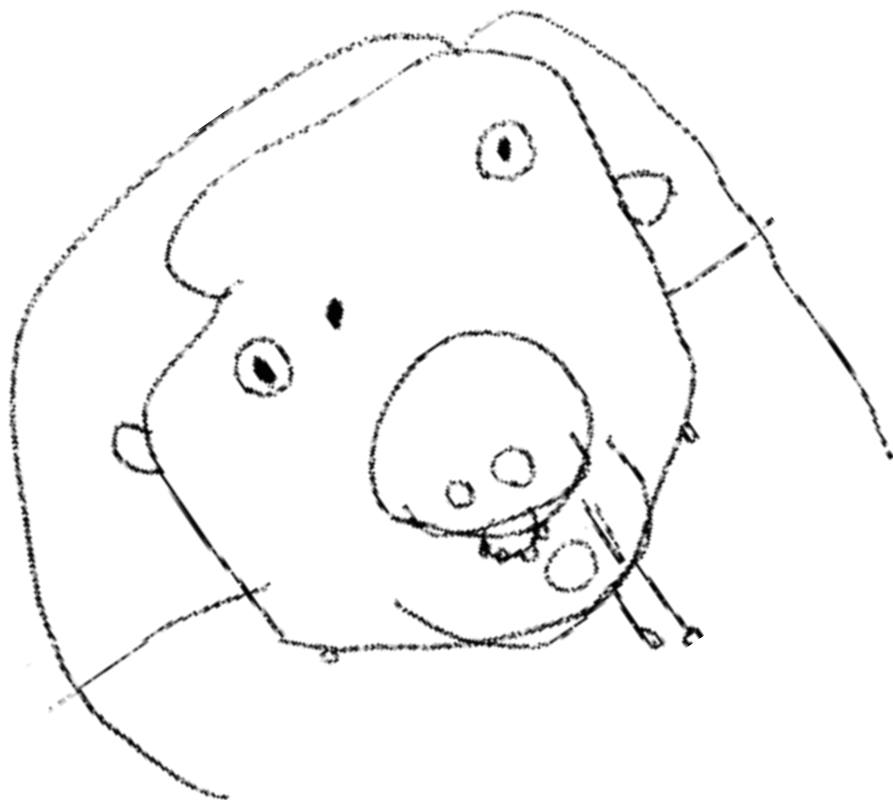
Assim, ao lado de outros educadores, uni-me ao projeto maravilhoso iniciado por minha mãe com o objetivo de traçar novos caminhos neste percursos de significados que escolhi. Mergulhadas no mundo das crianças, criamos vínculos que nos provocam o desejo de investigar, pesquisar e documentar: o que pensam? Como pensam? Quais são suas maneiras de explorar o entorno? Quais relações estabelecem entre si? Como compreendem os mais diversos conceitos? Enfim, nós nos permitimos aprender todos os dias com cada uma delas?

Numa busca constante de escolhas intencionais, mas também incertas, “ser educadora” se transforma e nos transforma a cada dia. Estar atento ao mundo, à sociedade, às culturas e ao conhecimento é fundamental para conseguirmos vislumbrar possíveis mudanças pertinentes e críticas capazes de contribuir para a transformação de cada ser humano que habita nossa escola.



Assim, foi - e ainda é - nesse processo de respeito humano, curioso e questionador, que construímos esses 30 anos de história.

Paula Cardoso Franco



## O livro...

Num processo de constante escuta, cada história narrada por diferentes profissionais da escola evoca memórias de relações profundas entre educadores e crianças. Educadores capazes de eternizar sutilezas que de alguma forma os afetaram.

O desejo de reunir esses casos, crônicas, narrativas, etc, fez parte de um movimento de transformação da escola no qual as importâncias vividas pelas crianças marcaram nossos diálogos e fez com que nos apaixonássemos por elas. Portanto, este livro não é uma documentação pedagógica de processos de aprendizagem vividos no espaço escolar, mas sim uma coletânea de narrativas que nos fizeram contar e recontar, rir e recordar, e que vêm eternizar nossa imagem de criança.

Com este propósito de celebrar a infância, convidamos educadores e apaixonados pelo imaginário potente das crianças a se deleitarem com as histórias aqui apresentadas. Que vocês possam, como nós, reviver a alegria de “estar criança”.

Em especial, agradecemos a todos aqueles que fizeram e ainda fazem parte dessa história, que deixaram marcas e levaram aprendizados e, ao seu modo, contribuíram para a transformação constante da escola que temos hoje!







# VÍNCULOS

*Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra.*

**Anísio Teixeira**



## A BATUTA MÁGICA

*O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram.*

Jean Piaget

Não se sabe ao certo, mas muitos desconfiavam que o sangue de Vitor pulsava como uma sinfonia, e há quem diga que ele todo era um conjunto de tons e movimentos que desenhavam uma melodia silenciosa aos olhos e audível ao coração. Isso porque o menino era tocado por tudo o que parecesse música: o som que saía do rádio, o gorjeio dos pássaros no parque, a chuva no telhado da escola. E assim que um tilintar ou uma batida tomasse corpo de ritmo, ali estava Vitor com os braços erguidos e os dedos prontos para regerem a sinfonia da vida.

Após observar durante meses o comportamento do menino, aquelas brincadeiras de maestro que mais descreviam uma fascinação inerente, uma paixão cuja essência viria desde o seu nascimento, a professora Fátima esperou um desses momentos de regência e se aproximou curiosa:

– Vitor, você está fazendo o quê?

– Estou sendo o maestro desta música! - respondeu o menino de quase três anos.

– E você sabe o que o maestro usa para reger uma sinfonia?

– Sei sim! Olha só... - mostrou os dedinhos indicadores balançando de um lado para o outro e continuou: – Isso aqui é uma batuta!

– E o que você acha de construirmos uma batuta de verdade?

– Vamos! Vamos! - repetia o menino extasiado enquanto pulava em volta da professora.

Fátima foi até os materiais de Artes, pegou quatro palitos de madeira e os enrolou com papel alumínio. Entregou o bastão para o menino e disse:

– Prontinho! Aqui está a sua batuta!

Vitor abriu os olhos deslumbrado, e eles refletiram o brilho do novo objeto. A felicidade do pequeno era tamanha que o coração logo começou a derramar uma melodia tímida, mas a melodia foi crescendo e crescendo à medida que tomava seus braços em uma dança curiosa e refletia-se na batuta que também dançava. E a batuta já não era objeto, a batuta era Vitor.

Quase quatro anos tinham passado desde que o menino ganhara o bastão da primeira professora. Mesmo um pouco torta pelo uso frequente, a batuta de palitos de madeira e papel alumínio ainda executava seu balé no ar de maneira excepcional - e cada vez mais - ao som de qualquer música que os ouvidos de Vitor pudessem captar.

Ana Paula, a professora de então, percebia no dia a dia que a dedicação do menino por essa prática lúdica diferente era mais clara do que nunca. E dentro de si sabia que Vitor merecia um olhar especial, um incentivo mais focado que valorizasse sua paixão - e também potenciais aptidões - por uma prática tão peculiar como aquela. Foi então que com o auxílio de Fátima, a antiga professora, e de outros funcionários, Ana planejou um momento para que o maestro mirim pudesse apresentar sua batuta bailante ao público.

Foi no dia da Festa de Encerramento do ano. Vitor subiu no palco armado no galpão e pôde ver uma imensidão de pais e crianças lá embaixo. Entre um burburinho e outro, o silêncio. O coração de Vitor começou então a acelerar rapidamente, até que enfim atingiu o compasso ligeiro que ele precisava para virar-se de costas e levantar os braços. O objeto metalizado meio torto brilhou estático no alto por alguns segundos e, sem aviso, iniciou uma valsa no infinito tirando a música das imagens projetadas na parede atrás do palco e jogando-a para a plateia.

Segundos depois, a varinha do pequeno maestro já dançava cada vez mais frenética e parecia mesmo desenhar melodias no ar, enquanto sua cabecinha tremelicava vez ou outra como se os ouvidos buscassem captar as notas mais frágeis para que o braço-batuta as lançasse como música colorida pelo espaço. Crianças e adultos olhavam fixamente para o pequeno no palco, encantados pelo bastão e pela harmonia que ele tirava do Universo como o flautista mágico do conto de Grimm. Mas Vitor não tentava

enfeitiçar ninguém, e talvez nem soubesse o que se passava às suas costas. Ali, de frente para sua orquestra projetada e com a batuta na mão, Vitor apenas brincava.

Quando o último movimento cortou o ar e a música cessou, o menino permaneceu estático. Não porque estivesse paralisado pelo medo de olhar para a plateia. Não. A ausência de movimento se dera porque uma outra música emendara-se à sua, uma música que ele jamais tinha ouvido, uma mistura de notas executadas em disritmia que estranhamente lhe acariciavam o coração. A música que Vitor ouviu eram os aplausos.







## EU ME LEMBRO DE VOCÊ

Foi em um dia como todos os outros, nessas horas abafadas que sucedem o horário de almoço, que Jorginho entrou pelo portão da escola pela primeira vez depois de oito anos. Foi até o balcão, encarou Nazaré e disse com uma voz meio moleca, meio rouca, aquela possessão que os meninos sofrem quando entram na adolescência e faz com que nunca saibamos com quem estamos falando:

– Eu lembro de você!

– Eu também lembro de você! - respondeu Nazaré enquanto olhava para o registro do tempo que passou parado à sua frente.

– Mas eu tenho certeza que eu lembro de algo que você não lembra! - rebateu Jorginho com ares de moço na voz e ternura de menino no olhar.

– Mas o que é que você lembra?

– Eu lembro que eu não me sentia seguro para ir ao banheiro, e uma vez você ficou durante muito tempo comigo, ao meu lado, segurando minha mão e cantando enquanto eu tentava fazer cocô. Demorou muito, muito tempo, mas naquele dia eu consegui. E saímos cantarolando juntos do banheiro... Disso eu lembro até hoje.

E, então, aquele moçoilo de pernas compridas e voz que queria ser adulta voltou a ser o menino pequeno que abandonou o medo no banheiro embalado pelo canto da tia Nazaré. E foram todos os Jorges, o pequeno e o grande, que recordaram a história e abraçaram Nazaré com braços mornos como aquela tarde e o mesmo amor que ela lhes emprestara oito anos antes.

## QUANDO SE PODE TOCAR AS ESTRELAS

*Não devemos explicar nada a uma criança,  
é preciso maravilhá-la.*

Marina Tsvetana

Todos os dias Tiago podia ver as estrelas de perto logo após o sol cair no sono. E se esticasse um pouquinho os dedos miúdos, é quase certo que poderia tocá-las.

– Pai, por que é que você não me carrega nos ombros de cavalinho igual o tio Creoni faz pelo parque todos os dias antes de você chegar?

– Ah, filho, o papai já está velho e cansado.

– Ah, pai, tudo bem... Mas vamos combinar uma coisa? Você demora sempre para vir me buscar, tá? Porque eu adoro passear de cavalinho com o tio Creoni perto do céu.



## O MENINO QUE QUERIA SER CONSTRUTOR

“Nossa, é muito grande! E retinho, retinho. Talvez para não cair... Parece até que ele usou blocos de encaixar para construir isso. Eu só consigo fazer com que meus castelos não caiam quando encaixo direito os blocos. Mas mesmo se eu usasse todos os que tenho em casa, ainda assim não conseguiria fazer um negócio tão grande desses”. Pensativo, Bruno observa pela janela da sala a construção quase finalizada do prédio que irá abrigar as novas turmas da escola. A professora percebe que o menino voa por mundos diversos dentro de sua mente e aproxima-se na esperança de compartilhar a experiência, mas ele nota sua presença e diz:

– Tia Ana Paula, sabe o que eu vou ser quando crescer? Um construtor!

– Sério, Bruno? E o que você vai construir?

– Ah... Eu vou construir prédios, casas, *trânsito*...

– Que legal! E você conhece algum construtor?

– Claro! O tio Paulo, olha lá! - e aponta para o homem alisando a massa na parede recém-construída – Aqui não tinha nada, e ele fez um prédio inteirinho. Eu sou fã dele!

– É verdade, Bruno! O tio Paulo é mesmo um grande construtor. Vamos lá fora para você contar isso tudo para ele!

O menino de seis anos e a professora saem da sala e caminham até o portão que separa o parque da construção. Bruno grita:

– Tio Paulo! Ô tio Paulo!

O homem larga a espátula e se aproxima limpando as mãos na camiseta verde.

– Tio Paulo, quando crescer eu quero ser construtor igual a você! É que eu sou seu fã, sabia? E eu gostaria que, quando eu fosse adulto e construtor, você fosse uma criança só para ser meu fã também!



## VEM DANÇAR COMIGO



*Quando vejo uma criança ela me inspira  
dois sentimentos: ternura pelo que é,  
e respeito pelo que pode vir a ser.*

Jean Piaget



Camila amava dançar. Para ela, e exatamente por isso, a melhor hora na escola era quando a professora ligava o rádio em cima da mesa, colocava um disco todo colorido dentro dele e apertava o botão que fazia com que seu corpo parecesse voar. Cada música trazia uma dança diferente, movimentos diferentes. As mais lentas, que pareciam aquelas melodias de quando o príncipe encontra a princesa nas histórias, Camila gostava de dançar com os braços suaves e movimentos longos nas pernas. Já as mais rápidas, que imitavam o coração na montanha-russa, eram ótimas para saltitar com as mãos para o alto como se quisesse tocar o teto.

E todos os dias abrigavam esse ritual de melodias e movimentos, som e cor. Eram momentos lindos, mas Camila sentia que não podia ser feliz o suficiente por apenas um detalhe: a amiga Júlia não conseguia dançar. Ela ficava o tempo inteiro em aparelhos estranhos, tanto para sentar quanto para ficar em pé, e seus movimentos eram mínimos. Por que Júlia não poderia sentir com as pernas toda aquela música que já sentia pulsar em seus ouvidos e que sempre estampava um sorriso em seu rosto?

Naquela manhã, Camila passou todo o percurso de casa até a escola pensando em como resolver tal problema que tanto a afligia para que, finalmente, a hora da dança ficasse perfeita. Antes mesmo de a mãe conseguir estacionar o carro ela já tinha a solução. Passou correndo pelo portão e entrou na sala imaginando os movimentos que executaria quando a música começasse a tocar para fazer com que Júlia pudesse dançar também. E como tudo foi seguindo conforme o planejado em sua cabeça, assim que as primeiras notas deslizaram pelos autofalantes do rádio,

Camila foi até a amiga e desatou as fitas que a seguravam ao equipamento para que ela finalmente fosse livre para desenhar movimentos na sala com pernas de bailarina.

Mas Júlia não saiu dançando como era esperado. Assim que as fitas foram desatadas, seu corpo frágil foi se deixando cair de leve até o chão como uma pluma suave numa sala sem vento. Naquele instante, Camila experimentou uma sensação de tristeza e preocupação que nunca experimentara antes, principalmente em momentos tão felizes como aqueles embalados por música. E a música da sala desapareceu aos ouvidos dela porque o batuque de seu coração era mais alto.

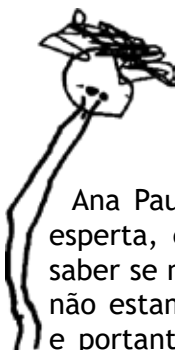
De repente, Camila saiu da inércia do susto e agachou ao lado da amiga. Foi então que pôde ver o sorriso grande e branco no rosto de Júlia. A menina não havia se machucado, e naquela hora dançava com os braços como se acariciasse o chão. Camila atirou-se ao lado dela e voltou a sentir no corpo a música que saía do rádio. Uma melodia tão suave quanto um abraço de amigos.



## O SAPATO QUE ACARICIOU O CORAÇÃO DO MENINO

*O educador não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.*

Paulo Freire



Ana Paula é uma professora cheia de energia. Brincalhona e esperta, corre no parque com as crianças e às vezes é difícil saber se não é, realmente, uma delas. E quando dizemos difícil, não estamos mentindo! Pois tia Ana Paula é baixinha também, e portanto, seu pé é pequenino. Mas não se engane pensando que isso é uma coisa ruim, não. Foi assim que ela conquistou um coraçõzinho que não queria ser dobrado facilmente...

Quando tia Ana Paula chegou ao Thema, Daniel logo torceu o nariz. Não deixava que se aproximasse de forma alguma, interagiu muito pouco e nem dava bola para as brincadeiras dela. Mas a professora não era nada boba, e percebendo que o menino gostava muito de futebol passou a incentivá-lo a jogarem bola juntos no parque. Daniel, então, começou a reparar em seu tênis todo preto que mais parecia uma chuteira, e certo dia perguntou qual numeração Ana Paula calçava.

– Eu calço trinta e quatro, Daniel! - respondeu a professora com esperança de que engatassem uma conversa. Mas o menino deu as costas e continuou mantendo certa distância por alguns meses.

Numa manhã, Daniel foi até a professora e disse:

– Eu já cheguei no trinta e quatro. Vamos trocar de sapato na hora do futebol? Eu calço o seu e você calça o meu.

– Combinado! - respondeu Ana Paula.

Naquele dia eles trocaram os tênis para o jogo de futebol, e a barreira que Daniel havia erguido para afastar a professora foi quebrada. Muitos outros jogos aconteceram ainda com um calçando o sapato do outro, mas desde aquele dia Daniel percebeu

que a tia Ana Paula era mais parecida com ele do que jamais havia pensado, e ali formou-se um vínculo.

Até hoje, muitos anos depois daquele primeiro jogo de futebol, a história ainda surge quando Daniel visita a escola. E ele sempre diz entre gargalhadas:

– Está vendo só, tia Ana Paula? Agora eu calço quarenta, e nem adianta tentarmos trocar porque meu sapato é muito grande para você!



## SONHO QUE SE SONHA JUNTO



*Ele dorme dentro da minha alma  
E às vezes acorda de noite  
E brinca com os meus sonhos.  
Vira uns de pernas para o ar,  
Põe uns em cima dos outros  
E bate palmas sozinho  
Sorrindo para o meu sono.*  
Fernando Pessoa

Há quem diga que não devemos sonhar com coisas que não têm a menor possibilidade de acontecer. É como se a premissa de se ter um sonho fosse a capacidade de poder realizá-lo. Mas também há aqueles que defendam que o sonho que vale é aquele impossível mesmo, pois ele tem a potência de nos impulsionar além de nossos limites, trazendo a fantasia ao nosso alcance no plano das possibilidades.

Meu coração tende a acreditar mais nesse segundo grupo, o grupo que não tem medo de voar, o grupo que sabe que a ponte que transpõe os limites entre o viável e o inviável - quando se trata de sonhos - nada mais é que nossa capacidade de desejar. Porque o desejo vira realidade no exato momento em que se forma dentro do coração. E é justamente por isso que o meu coração fica com o grupo que acredita na possibilidade do impossível.

Assim, eu sei que sou como as crianças: elas não têm medo de acreditar em seus sonhos. Como certa manhã durante uma aula, quando propus que conversássemos sobre nossa rotina de dormir e os sonhos que temos. E foi já neste ponto que pude observar o encanto que envolve da infância: por sonhos, meus alunos entenderam “aquilo que se deseja” e não as imagens formadas pelo inconsciente no momento do sono. É como se, para as crianças, o palpável de verdade estivesse no campo da fantasia.

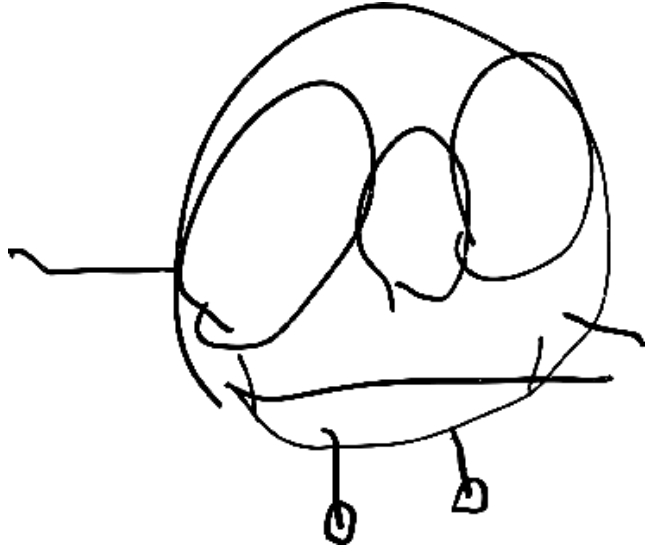
“Toda noite antes de dormir eu rezo para que o Papai do Céu faça com que o Carlinhos comece a andar. Esse é o meu sonho: que o Carlinhos comece a andar”. Ariane, menina doce nos seus



cinco anos, referia-se ao colega com deficiência na locomoção por causa da paralisia cerebral.

Todos nós sabíamos que aquele sonho seria improvável de se realizar, e Ariane também sabia. Mas isso não importava, pois cada noite em que ela sentava para sonhar um pouco e imaginar os passos do amigo, cada momento como aquele era um momento em que Carlos finalmente começava a andar.





# MUNDO DAS CRIANÇAS

*A criança é o amor feito visível.*

Friedrich Novalis



# A VIAGEM DO PEIXE-MÚMIA

*Ensinar não é transferir conhecimento,  
mas criar as possibilidades para a sua  
própria produção ou construção.*

Paulo Freire



Logo que abriu os olhos pela manhã, Marcelo já sabia que aquele seria um dia muitíssimo especial. Havia se passado exatos três meses desde que sua turminha iniciara junto com a tia Ana Paula o processo de mumificação do peixe Zé. O projeto da vez era sobre o Egito Antigo, e nada mais excitante do que fazer lá na escola mesmo, ao vivo e a cores, uma múmia de verdade! Foram dias de processo: envolver o peixe em bicarbonato de sódio, que tinha a função de remover toda a água da matéria orgânica, e de tempos em tempos tirar a pasta que se formava para colocar mais bicarbonato. O cheiro e a aparência do negócio todo eram horríveis, mas finalmente, depois de tanta espera, aquele seria o dia em que o peixe-múmia ficaria pronto!

Marcelo chegou na escola e logo correu para a sala de aula. Alguns amigos já aguardavam a chegada professora, e a curiosidade era geral: todo mundo queria ver como tinha ficado Zé, a múmia do 1º ano. Será que o peixe ainda teria cheiro ruim? E os olhos, será que ainda existiriam? Lia disse que tinha certeza que a tia Ana Paula iria chegar com um sarcófago em forma de peixe e Hugo afirmou que se pudesse assaria o bicho e o comeria só para ver qual o gosto de uma múmia. As crianças olharam para ele com cara de nojo, mas logo todo mundo caiu na gargalhada.

Quando tia Ana Paula chegou, todos se reuniram em volta da mesa e o resultado foi revelado - o peixe estava realmente mumificado! A aparência era um pouco esquisita, a superfície parecia dura e seca, meio áspera. Zé havia se tornado um bicho bem feioso! Mas não tinha mais cheiro de podre, e estava tudo ali: olhos, boca, barbatana. Pensando bem, lembrava um pouco as múmias que apareciam nos livros durante as pesquisas em

sala de aula. As crianças observaram e fizeram registros sobre o experimento, mas uma ideia não saía da cabecinha de Marcelo:

– E agora, o que vamos fazer?

– Agora - respondeu a professora - vamos enterrar o peixe-múmia! E como já aprendemos que os egípcios acreditavam que além do corpo conservado, tudo o que era enterrado junto com o Faraó iria para a outra vida também, vamos escrever bilhetes para enterrarmos com a nossa múmia!

As crianças vibraram! Começaram a escrever desejos sobre a próxima vida de Zé e fizeram os mais variados desenhos para presentear-lo. Marcelo escreveu: *Zé, você vai acordar lá e vai ter um mar muito bonito para nadar de novo* e desenhou um lindo peixe feliz no mar sem fim. Maria fez o peixe com filhotes e escreveu: *Eu desejo que o peixe-múmia seja feliz com uma namorada e tenha peixinhos*. Hugo desenhou-o ao lado de um homem no céu com a legenda embaixo: *O peixe e Deus*.

Quando todos os bilhetes estavam prontos, as crianças ajudaram a professora a enrolar o peixe em um pedaço grande de pano que seria o “lenço da sorte”, responsável por guiá-lo até o lado de lá, e seguiram para o parque. Escolheram um pedacinho de terra atrás da casinha de madeira para enterrá-lo e o tio Paulo - o grande faz-tudo da escola - cavou um buraco para o descanso do bicho. Tia Ana Paula posicionou a múmia lá no fundo, as crianças depositaram seus papéis, despediram-se de Zé e tamparam o buraco com areia e terra.

Já era hora da brincadeira no parque e todos se dispersaram. Futebol, pula-corda, pega-pega e casinha na árvore. Marcelo sentou no balanço e começou a matutar: quanto tempo demoraria para o peixe-múmia chegar do outro lado? Será que ele levaria mesmo os desenhos? Todos esses pensamentos pipocando em sua cabecinha fizeram com que deixasse de lado o balanço e procurasse Hugo.

Tia Ana Paula olhava contente para as crianças brincando no parque. Mais uma etapa cumprida, mais um projeto finalizado. Sentia-se satisfeita com o resultado do processo de aprendizado, pois sabia do bom aproveitamento de todos. Quando começou a recordar cada etapa da experiência, desde a primeira impressão com a dissecação do peixe até aquele dia, avistou uma nuvem de

poeira saindo de trás da casinha de madeira. Terra, areia e poeira voando voando voando. Correu até o local e encontrou Marcelo e Hugo agachados em volta do buraco, as mãozinhas em forma de pá cavando sem parar.

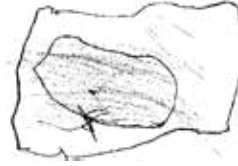
— O que vocês estão fazendo? - perguntou assustada.

Marcelo olhou para a professora com a carinha coberta de terra, só os olhos e os dentes brancos destacados e disse:

— Ué... Estamos vendo se o peixe-múmia já chegou do lado de lá!



## O DIA DE BELEZA DE JUJU



*O precursor do espelho é o rosto da mãe.*

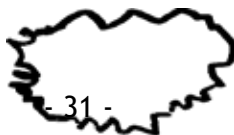
Donald Winnicott

Juju tinha três anos e todos os dias observava o ritual de cuidados da mãe: o batom clarinho que deixava o beijo cheirando a pêssego, os cabelos longos penteados várias vezes até formarem um véu lindo de fios ouro-avermelhados, os brincos que tremelicavam de felicidade a cada abraço como se fossem sinos de ternura. Mas o que mais encantava Juju era aquela coisa que parecia um chocolate derretido que a mãe passava no corpo todo sempre que saía do banho. O cheiro não era de chocolate, mas a cor lembrava a cobertura do bolo de cenoura da vovó. De repente a cor marrom desaparecia e a pele da mãe brilhava, e era como se ela virasse fada.

Foi num desses dias em que a gente tem que correr para o banheiro porque a barriga dói insistente e não espera nem a hora do parque terminar, que Juju descobriu no banheiro da escola, depois da vontade aliviada, a poção de fadas. Não teve dúvidas: começou a se lambuzar tal qual a mãe fazia, e ainda tomou o cuidado de deixar só os olhos de fora. Quando a porta se abriu, Juju teve a certeza que brilhava como uma fadinha: tia Nazaré a encarava com os olhões de quem quer ver muito, e até sem voz ficou por uns instantes. Recuperada da “beleza” da menina, disse:

– Juju, o que é que você está fazendo?

– Ah, eu tô passando *queme*, tia! Olha, igual minha mãe! É *queme*, do mesmo cheiro do *queme* da minha mãe!



## EXISTE TATO NO CORPO TODO?



*O meio natural é o verdadeiro material intuitivo capaz de estimular forças escondidas da criança.*

Ovide Decroly

O abraço apertado do amigo, a pipoca salgada no cinema, o perfume doce da mamãe, o brilho forte do sol de verão, a música suave do piano da irmã. O mundo sentido, vivenciado.

Desde os primeiros dias de vida experimentamos as sensações do mundo. Há estudos, ainda, que comprovam que os bebês são capazes de distinguir sons e perceber mudanças na iluminação do ambiente mesmo durante a gestação. Mas é na infância que as crianças começam a explorar conscientemente os sentidos a partir da percepção corporal que adquirem com suas experiências. E favorecer essas experiências é fornecer às crianças as ferramentas para a descoberta de um mundo de possibilidades:

– Tia Camila, existe tato no corpo todo? - pergunta Miguel, um dos mais curiosos daquela sala de primeiro ano.

– Hum... O que é que vocês acham? Existe tato no corpo todo? - a professora devolve a pergunta como forma de instigar a experimentação. E, percebendo que as crianças tinham sido fisgadas, continua: – Vamos combinar uma coisa? Essa semana iremos pensar sobre isso, observar e fazer algumas experiências. Então a gente conversa e reflete conforme nossas descobertas forem acontecendo.

No dia seguinte, Miguel chega animado na escola e, assim que o assunto é retomado, dispara:

- Eu descobri! Eu descobri! Existe, sim, tato no corpo inteiro!
- É mesmo? Como foi que você descobriu isso, Miguel?
- Ontem depois do banho eu enrolei o cobertor no corpo. Eu estava sem roupa e consegui sentir o cobertor com o meu corpo inteiro!
- Ah, eu não concordo! - intervém a coleguinha.
- E por que não, Bárbara? - pergunta a professora.



– Olha só: se você colocar só a pontinha do cabelo no chão, você não consegue sentir! Não tem tato no cabelo. - explica a garota enquanto joga os cabelos para frente e se contorce para que eles toquem o chão.

Seguindo o exemplo de Bárbara, as crianças começam a experimentar. Uns tentam sentir o chão e as paredes com as pontas dos cabelos ou a superfície da água gelada dentro de um copo. Alguns colegas vão mais além testando outros tipos de material, como uma superfície áspera na pontinha do dente.

Após minutos de experimentação, as crianças podem concluir à sua maneira onde é possível ou não vivenciar o sentido do tato:

– Tia Camila, a gente descobriu que o tato só é possível sentir nos lugares do corpo onde temos pele!

– Que interessante, crianças! Então vamos testar com nossa pele diferentes tipos de material? Eu trouxe esses tapetes: tem de borracha, de lã, tem tapete lisinho e tapete enrugado. Vamos lá?

A professora espalha os tapetes no chão e as crianças começam a tocá-los. Depois de alguns minutos, já é possível ver menino deitado, menina esticada, criança com o pé em um tapete e as mãos no outro... Uma verdadeira festa sensorial que deleita os olhos de tia Camila. De repente ela observa o inusitado: o pequeno Mário havia tirado a calça e a cueca e experimentava tapete por tapete com o bumbum.

– O que você está fazendo, Mário?

– Olha, tia Camila! E não é que meu bumbum também tem tato de verdade?!



## AS NOVAS PERNAS DE HEITOR

*[...] Mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior.*

João Guimarães Rosa

Até os três anos de idade Heitor conhecia o mundo de baixo para cima. Por não ter as pernas completamente formadas, arrastava-se para lá e para cá o tempo todo usando as mãos e o tronco como apoio. A verdade é que ele nem se importava, pois conseguia conviver com os amigos e participar de todas as atividades, e vez ou outra costumava fingir ser uma cobra para agarrar os colegas pelos pés enquanto brincavam no parque.

A hora do trem era um dos momentos em que Heitor mais se divertia na escola. Apesar do fato dele muitas vezes se posicionar por último na fila por causa da altura, os amigos gostavam de agachar para compartilhar de sua experiência no caminho até o refeitório, e a bagunça toda alegrava seu coração. Era desta forma que o crescente sentimento de companheirismo e amizade embalava os dias daquela turma de G2.

Certo dia, seus pais comunicaram à escola: Heitor ganharia próteses! O menino levou algum tempo até se acostumar com as novas pernas e aprender a usá-las corretamente, e sabia que jogar futebol ou sair correndo por aí no pique-pega demandaria mais prática, mas não ligava para isso, afinal, estava andando!

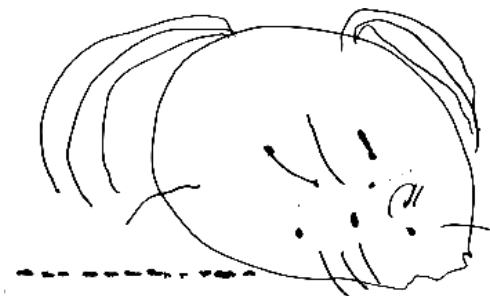
Quando enfim chegou o dia de voltar ao convívio dos colegas, a surpresa: Heitor atravessou o portão com suas próprias novas pernas! As professoras o receberam com alegria, o tio Adriano bateu palmas e sorriu um sorriso cheio de luz. Mas o que o menino queria mesmo era encontrar os amigos, que já estavam todos reunidos para o lanche.

A notícia de seu retorno, é claro, atingiu o refeitório antes mesmo de Heitor. As crianças ficaram em êxtase e logo debandaram para

o corredor a fim de encontrarem o amigo, e quando o avistaram de longe a alegria foi contagiante. Os gritos de festejo dos pequenos compuseram a música da felicidade, e eles o rodearam e alternaram sorrisos. Bia se aproximou com olhos de estrela e exclamou:

– Heitor, você está andando... Meu amigo! - e envolveu-o num abraço.

– Estou sim! E sabe o que mais? Eu não vou mais ser o último da fila do trem!



## O PIQUENIQUE



– Vini, vem cá! Eu descobri uma geladeira cheeeei de iogurte e suco! Tem também um monte de frutas e até biscoito!

Bianca tinha três anos e apoiava as mãozinhas nos joelhos como a descansar o corpo da correria enquanto, afobada, contava a descoberta ao amigo Vinicius. Os dois estavam ao lado do balanço do parque na brincadeira que antecede o intervalo para o lanche, e o restante dos colegas corria entre as árvores.

– Nossa, que legal, Bibi! E eu estou com uma fominha... Vamos lá comer alguma coisa?

– Eu acho que a gente deve fazer um piquenique, Vini! A gente pega um iogurte, umas frutas e uns biscoitos e divide tudo.

Bianca disparou a correr e o amigo foi atrás, até que chegaram a uma sala bem conhecida. A menina entrou, mas Vinicius titubeou:

– Essa é a sala da tia Paulinha, Bibi! As coisas da geladeira devem ser dela.

– Mas você não está com fome? Eu estou, e o lanche ainda vai demorar um pouco porque o parque começou agora. Eu acho que ela nem vai se importar... Ela é tão pequenininha, como vai comer tudo isso? Olha só quanta coisa tem aqui!

– Tá bom, parece mesmo muita comida. Eu vou pegar algumas coisas, você pega outras. Esse potinho, o suco... Esse suco é do quê?

– Acho que é de morango, olha o desenho. Vai vendo o desenho, Vini! Igual esse biscoito que parece ser de chocolate, olha aqui... No desenho ele é marrom!

– Ah, eu gosto de morango! Gosto de chocolate também! Eu quero uma banana, você pega uma banana para mim, Bibi? Eu já estou carregando muita coisa!

– Pronto! Vamos lá para a Casa do Beto, porque tem aquele tapetinho da entrada que a gente pode usar como toalha para nosso piquenique.

Minutos depois de as crianças saírem, Paula entrou na sala e viu o recado em cima da mesa: “Ligar para a mãe do João Fioravante,

do G4”. Sentou-se na cadeira e já esticava o braço para alcançar o telefone quando Camila bateu na porta:

– Paula, com licença. - enquanto falava, caminhou em direção à geladeira – Vou pegar meu suco aqui na geladei... Paula! O que aconteceu com as coisas da geladeira? Não tem nada aqui!

– Ué... Não sei... - respondeu confusa enquanto se debruçava sobre a mesa a fim de conferir a que Camila se referia.

– Mas estava tudo aí agora há pouco! A Natália veio aqui um pouquinho antes de começar o parque para pegar o iogurte dela.

As duas se olharam e Camila disse entre risadinhas:

– Será que alguma criança entrou aqui enquanto você não estava e surrupiou as coisas?

Paula e Camila saíram então em busca das crianças comilonas. Quando chegaram à Casinha do Beto, encontraram Vinicius e Bianca sentados no chão com o que tinha sobrado disposto sobre o tapete: um iogurte pela metade, cascas de duas bananas, um pacote vazio de bolachinhas de castanha, duas caixinhas de suco. Vinicius olhou para as professoras, abriu a boca cheia de farelo de biscoito e disse:

– Oh-oh!

– O que é que vocês dois estão fazendo? - perguntou Paula com ares de séria enquanto se segurava para não cair no riso. Camila já havia saído de perto e gargalhava do lado de fora.

– A gente estava com fome, tia Paulinha, e essa comida toda estava lá esquecida... Então resolvemos fazer um piquenique! - disse Bianca um pouco antes de abocanhar o último pedaço de banana que tinha nas mãos. – Mas agora que já acabamos de comer, vamos arrumar tudinho aqui na Casa do Beto, tá bom?

E, antes de virar as costas para sair da casinha de madeira e enfim soltar o riso, Paula ainda pôde ver uma piscadela simpática pulsando nos olhos negros de Bianca.



## O CORAÇÃO DO PLANETA

*O princípio dos raciocínios é constituído pela essência das coisas do mundo.*

Sócrates

O ato de ensinar deve ter a suavidade de uma pluma em queda livre, e também seu tempo para atingir o objetivo. No caso da pluma, a espera é a graça que prepara nossos olhos para o ato final, o tocar o solo. Ali, a dança que o objeto desenha no ar importa tanto quanto seu objetivo.

As crianças são como o ar. Elas assopram o conhecimento-pluma em diversas direções, experimentam-no, desenhando caminhos vários para que ele percorra até poder enfim pousar delicadamente e tornar-se parte de um mundo palpável e natural. E a beleza está, inclusive, em reconhecer essa dança intermediária como parte de sua incrível trajetória.

– Eu acho que se a gente cavar um buraco beeeem fundo, dá para chegar lá do outro lado do planeta. - disse Helena para os colegas na roda de conversa sobre o Projeto do Universo.

– Não dá, não! - respondeu Beatriz de prontidão com o dedinho indicador erguido.

– E por que não dá, Bia? - questionou Helena enquanto apoiava as mãos na cintura como uma leve provocação entre amigas.

– Não dá porque dentro da Terra tem um sol! - respondeu a menina.

– Um sol? - interveio Pedro. – Não, o sol não está dentro da Terra! Ele está fora...

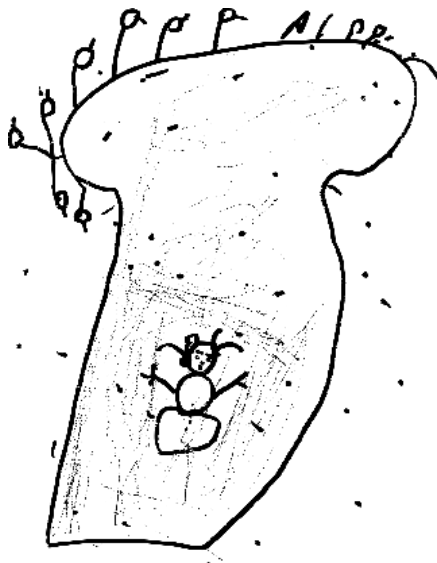
– E a Terra é que gira em torno do sol! - completou Helena meio atropelada pela ansiedade, mas feliz porque tinha certeza daquilo que dizia.

– Mas não é desse sol que eu estou falando... É um outro sol, um que fica dentro da Terra, como um coração. E é muito, muito quente, não dá para passar por ele. - explicou Beatriz.

– Então eu já sei! - disse Pedro enquanto saltava de seu lugar

para o meio da roda. – A gente pode fazer um túnel à prova de sol para passar no meio da Terra e chegar lá do outro lado!

– Nem vai precisar! - interveio Júlia – Se o sol no meio do planeta é como um coração, o calor dele deve ser como um abraço.



## O SUMIÇO DA SANDÁLIA VERDE

É mania de adulto dizer sempre o que a criança deve fazer ou usar. E eu acho que às vezes até exageram dizendo para fazermos coisas que eles mesmos nunca fariam...

Teve uma vez que minha mãe comprou uma sandália verde horrível para mim, cheia de tiras e uns enfeites esquisitos. Um horror. E eu não estou mentindo - a sandália era horrenda, horrorosa, horripilante! Todas as vezes em que tinha que usar aquele troço eu fechava a cara, armava o bico e franzia a testa. Minha mãe dizia que o bicho do mau humor havia me mordido, mas eu tenho certeza que o único bicho que tinha ali era a sandália.

A minha sorte é que logo consegui me livrar disso tudo. Na segunda ou terceira vez que eu fui para a escola calçando a sandália verde horrível, chegou um caminhão e despejou um montão de areia nova no parque. Não tive dúvidas: corri para um cantinho e cavei um buraco tão fundo, mas tão fundo, que mais parecia que saltaria um chinesinho dali de dentro. Tirei as feiosas e nem me despedi. Sandálias, areia, areia, areia, areia... E eu feliz outra vez!

Minha mãe não gostou muito do desaparecimento misterioso, mas eu sabia que enquanto elas estivessem enterradas em segredo, os únicos sapatos que eu usaria seriam os antigos e bonitos. É claro que o mistério não durou muito tempo, e no dia em que o tio Paulo resolveu fazer umas mudanças ali no parque, a sandália apareceu.

— Mamãe, agora não dá mais para usar, né? Olha só, nem cabe! E além de suja e rasgada, *ela ficou tão feinha...*





## MENTIR DE NOVO? NUNCA MAIS!

Vanessa morria de vontade de jantar na escola. Todos os dias após a aula quando Marina, Julia e Luísa iam para o refeitório, ela tinha que ficar sozinha no galpão esperando a mãe chegar. Às vezes ficava chateada e nem se interessava pelas brincadeiras que as monitoras montavam para distrair as crianças até que elas fossem embora, afinal suas melhores amigas estavam comendo juntas enquanto ela tinha que esperar até mais tarde para comer em casa. Vanessa já havia pedido à mãe que a deixasse jantar pelo menos um dia na escola, mas não houve acordo: a hora do jantar era para ser passada com a família.

Mas a vontade da menina só crescia, crescia, crescia. Cresceu tanto que virou um plano para conseguir enfim seu objetivo:

- Tia Paulinha... Hoje minha mãe me mandou jantar na escola!
- Você tem certeza, Vanessa? Ela não avisou por escrito.
- Eu tenho certeza sim, é que não deu tempo de escrever. Ela pediu que eu avisasse que tenho que jantar aqui porque o fogão da minha casa quebrou e não dá para fazer comida lá.

Naquele dia Vanessa conseguiu o que sempre quis: jantar com as amigas na escola! Foi uma festa - comeram, paparam, e até deu tempo de brincar um pouco antes de irem embora. Mas como toda mentira tem pernas pequeninas, mesmo a mais inocente delas, a mãe descobriu a travessura e as duas tiveram uma loonga conversa naquela noite.

Agora Vanessa aprendeu: mentir de novo, nunca mais!



## O CAUSO DA BAGUNÇA DO LEITE EM PÓ



*Entre os estudos, começemos por aqueles  
que nos façam livres.*

Montaigne

Acada início de ano as crianças do berçário passam pela transição para o maternal. Nesse novo mundo, com uma nova rotina, tudo parece diferente: o espaço da brincadeira, o rosto que cuida, a voz do colega, as interações. E já que o diferente sempre estimula a curiosidade, as crianças são constantemente atraídas a novas experimentações (e criança que é criança experimenta mesmo!). Assim, as situações mais inusitadas podem surgir.

Como há alguns anos, numa tarde morna do verão de início do ano letivo. As latas de leite das crianças que mamavam na escola tinham acabado de chegar e foram armazenadas provisoriamente em um armário baixo situado na sala da soneca. Ali, as crianças recém-ingressas no maternal ajeitaram-se em seus colchões para a sonequinha da sesta e em poucos minutos adormeceram.

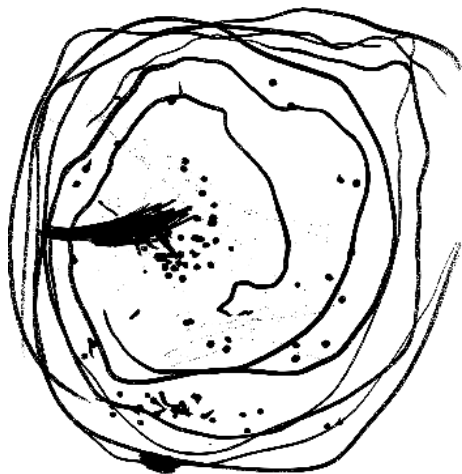
Quando já não havia nem sinal de olhinho aberto ou aquela manha leve e gostosa que precede o sono, a professora saiu da sala para outros afazeres. De vez em quando voltava e conferia pelo vidro o sono tranquilo das crianças. E foi assim, em um desses intervalos entre uma olhadela e outra, que o inesperado se sucedeu.

Uma das crianças (suspeita-se de uma anjinha em particular, mas isso já nem importa) acordou e foi até o armário baixo, pegou as latas de leite e distribuiu entre os amigos na medida em que os acordava também. Quando a professora chegou para mais uma checagem, eis a surpresa: a sala mais parecia coberta de neve e, no meio dela, um monte de criaturinhas brancas jogando leite em pó para o alto, para dentro da boca, no amigo e nos brinquedos.

E como a experimentação faz parte do cotidiano de uma escola em movimento - e criança que é criança experimenta mesmo! - quando a professora abriu a porta da sala todos se entreolharam

e uma dessas crianças (talvez a organizadora da festa, quem sabe?) abriu a boquinha cheia de farofa de leite e exclamou com as mãos para cima: “Óh!!!”.

E até hoje, quando alguém senta para contar as histórias da escola, há sempre quem se recorde do famigerado “causo do leite em pó”.



## O MORDEDOR SEM DENTES

*O professor não ensina, mas arranja modos  
de a própria criança descobrir.*

Jean Piaget

Pedro era desses meninos danados de verdade: fugia para o parque sempre que podia, sumia com os lápis da sala de aula, capturava pequenos insetos para jogar nos colegas, escondia-se da professora dentro do banheiro. Todo dia aprontava uma diferente. E, talvez por isso, sempre deduzia-se que onde tinha travessura, tinha também o dedinho de Pedro.

Naquela tarde as crianças seguiam excepcionalmente tranquilas durante as atividades. Pedro, inclusive, parecia mais quieto e concentrado que nos outros dias. Foi então que Sofia se aproximou da professora e choramingou:

– Tia Paulinha, o Pedro me mordeu...

A menina esticou o braço e lá estava a mordida perfeita: dente por dente, todos eles gravados em vermelho sobre sua pele branquinha. Paula olhou para o seu rostinho e viu uma lágrima pequenina querendo saltar dos cílios negros.

– Pedro e Sofia, vamos conversar? - chamou as crianças para seu lado e continuou: – O que aconteceu?

– Como assim, tia Paulinha? - perguntou Pedro com o bocão aberto e banguela, sem os dois dentes da frente.

Paula sorriu, olhou novamente para Sofia e perguntou:

– Quem foi mesmo que mordeu você?

– Ué, foi o Pedro! - respondeu a menina emburrada.

– Mas, Sofia, olhe para a boca dele! Será mesmo que o Pedro conseguiria deixar marcado todos esses dentes aí?

A menina olhou para as janelas no meio dos dentes do amigo durante alguns segundos, e depois voltou a encarar a professora. Enrubescou e admitiu:

– Olha, tia Paulinha... Fui eu mesma que mordi meu braço, viu? Mas é porque o Pedro me empurrou, e não tinha como eu mostrar

isso para você. A mordida fica marca, o empurrão não!

A professora explicou que Sofia não precisava ter inventado uma mordida para falar sobre o empurrão do amigo. E Pedro - quem diria! - não era o responsável por aquela primeira acusação. Será que ele, que tanto havia ficado irritado com a queda de dois dentes da frente na mesma época, chegou alguma vez a pensar que ser banguela finalmente o salvaria?





## O MEU BEBÊ

*A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas.*

*Há de ser como acontece com o amor.*

Manoel de Barros

Rafael tem cinco anos e já sabe o que é amor. Não que alguma vez ele não tenha sabido, pois dessas coisas as crianças entendem muito bem desde que moram na barriga e ouvem pela primeira vez o coração da mãe bater do ladinho do ouvido. Mas Rafael, que hoje já anda por aí e tem seu próprio coração, costuma ver o amor perambulando pela casa com a chupeta na boca. De vez em quando eles se entreolham e o amor sorri babado. O amor tem o nome de Luana.

Como Rafael bem sabe, as coisas que enchem nosso coração de alegria devem ser cuidadas com carinho. Assim, naquela terça-feira sonolenta, comunica à tia Nazaré que ele mesmo levará Luana até a salinha do maternal. Lá chegando, diz:

– Tia Vau, cuide bem do meu bebê porque essa noite ninguém conseguiu dormir lá em casa.

– Como assim, Rafa? Por que é que ninguém conseguiu dormir na sua casa?

– A Luana... Meu bebê, tia Vau. Ela chorou a noite inteira procurando uma chupeta! Que, por sinal, eu acho que ficou aqui, viu?

– Não, não ficou aqui, Rafa!

– Tia Vau, fale a verdade.... Não é porque eu fiquei acordado a noite inteira que eu vou ficar bravo com você! Mas eu tenho quase certeza que a chupeta da Luana ficou aqui. E sabe o que mais? Quer que eu ajude a procurar? Eu entro e a gente procura...

– Não precisa, Rafa! Eu vou procurar a chupeta da Luana e, se ficou aqui mesmo, vou dar um jeito de encontrar para você poder dormir a noite inteira, está bem?

– Está bem... Mas não é por mim, tia Vau. É por causa do meu bebê!



# CAUSOS E FRASES

*Desejamos que o mundo se torne a pessoa presente  
que nos acolhe e reconhece, assim como nós a ela,  
que se confirma em nós, assim como nós nela.*

**Martin Buber**





Trabalhar com crianças é leve como brincar. Elas envolvem os adultos em suas teias de sorrisos e qualquer obrigação se transforma em uma deliciosa brincadeira. Talvez por isso que, aos olhos destes pequeninos seres, todo funcionário da escola seja também uma criança...

- Nossa, tia Vau! O tio Adriano está trabalhando!
- Como assim, Caio? - pergunta a professora.
- Ele está arrumando a mureta, está trabalhando agora. Eu nunca vi o tio Adriano trabalhando, afinal, todo dia ele só brinca na portaria!



– Juliana, deve ser muito legal ter uma mãe que trabalha aqui na escola como você tem, né? Ela deve fazer só com você, o tempo inteirinho, todas as brincadeiras que faz com a gente!

- Ah, eu gosto muito dela, mas lá em casa ela é diferente!



“Meu lugar seguro é no Thema. Aqui tem muita gente que gosta de mim, e quando eu preciso de um abraço alguém vem e me abraça.”



– Bom dia, Bia! Nossa, mas como você está *emperequetada* hoje!

- É sim, tia Nazaré. Hoje eu estou mesmo com muito sono!



Correndo com as perninhas ainda meio desengonçadas de uma criança de pouco mais de um ano, João se aproxima afobado da professora:

- Tia, *Ma babá!*
- O quê, João? Eu não entendi...
- *Ma babá!*
- Hum... Não estou entendendo, João!
- *Ma babá, Ma babá!*



Percebendo que não se faria compreendido, João bufa e vai até a mesa, pega um lenço e limpa a boca do colega. A professora observa e enfim diz:

- Ah! O Matheus babou!
- Éééé!!! - exclama João aliviado enquanto sai satisfeito por ter conseguido resolver o problema sozinho.



Impossível é medir o tamanho do coração das crianças. Luca era um desses pequeninos cujo coração transbordava os limites do corpo delicado de seus três aninhos:

- Tia Nazaré, olha só meu dedo! - levanta a mãozinha engessada.
- Nossa, Luca, o que aconteceu?
- A porta bateu na minha mão! Mas sabe... Agora o meu pai colocou uma galinha ali para segurar a porta. Então, hoje de manhã, eu cheguei perto da galinha e falei para ela tomar cuidado porque a porta é muito forte. Se machucou o meu dedo, vai quebrar o pescoço dela!



No lanche, após uma aula no mundo dos contos de fadas:

- Tia Aline, eu não quero comer a maçã!
- Mas por que não, Ana? Você sempre comeu maçã!
- Não quero, não quero! A maçã da Branca de Neve é envenenada!



Em uma roda de conversa sobre o Big Bang, as crianças apresentam suas impressões:

– O Big Bang foi uma explosão! Se tiver outra explosão, quer dizer que vai acabar o Universo?

– Não, porque agora tem Deus.

– Mas não foi Deus que fez o Big Bang?

– Não! Olha só: primeiro teve o Big Bang que fez o Universo e as pessoas, e só então é que surgiu Deus!



Quando a tia Nazaré chega ao Thema carregando o sotaque maravilhoso do Nordeste:

– Papai, tem uma tia nova na escola que é de outro planeta!

– De outro planeta? Como assim?

– É! Ela fala diferente, um jeito meio assim, diferente... Ela veio de outro planeta!



– Tia Paulinha, deixa eu ver seu filhinho? - pergunta Jorge ao vê-la com o bebê recém-nascido no colo.

– Claro! - abaixou-se para que a criança pudesse ver o bebê e continuou: – E eu estou sabendo que logo você vai ganhar uma irmã! Você está feliz?

O menino parou, respirou profundamente e disse:

– Ah, eu prefiro não pensar no futuro agora!



Matheus para de brincar e olha fixamente no rosto de Aninha. O nariz da colega está escorrendo, e ele começa a gritar para a professora:

- Tia Camila, tia Camila!
- O que aconteceu, Matheus?
- A Aninha! A Aninha! Olha lá... Ela está derretendo!



Quando a turma recebe um aluno novo, filho de japoneses:

- Mamãe, eu tenho um amigo que veio de outro planeta!
- Como assim, filho?
- Pois é! Ele tem o olho puxado... E eu sei que lá no planeta de onde ele vem, todas as crianças têm o olho igualzinho!



No maternal, Gabi está comendo um biscoito de polvilho quando vê se aproximar uma formiga. A menina fixa os olhos no bichinho, aproxima o biscoito do chão e diz:

- Qué? Qué?



No início da aula de inglês do primeiro ano:

- Teacher, sabia que semana passada a gente voltou no tempo para estudar os dinossauros? - João conta com entusiasmo.
  - É mesmo? Que legal, João! - responde a professora.
  - Dãã... Mas não foi de verdade, né? - retruca Daniela.
- João encara Daniela e, decidido, diz:
- Foi sim! As tias trabalharam muito para parecer de verdade, tá?



“A minha mãe é um pai sem pelo!”



Um ambiente escolar saudável é um ambiente em movimento, onde crianças e adultos tenham liberdade de expressão e interação entre si e com o meio.

Marina, curiosa e ativa em seus dois aninhos, resume em poucas palavras esse movimento durante uma atividade que envolve a exploração de luzes, cores e texturas. Sentada na areia enquanto observa as cores do celofane, exclama:

– Olha só! A gente está fazendo *quiação*!<sup>1</sup>



Os limites entre o real e o imaginário são traçados pelo questionamento das crianças a respeito de suas vivências. Em uma aula que abordava um conteúdo de fantasia, a professora resolveu inserir uma vivência com “tapetes mágicos” espalhados pela sala:

– Crianças, hoje vamos fazer uma atividade com tapetes mágicos! Escolham os seus!

Mariana correu para conseguir se sentar no azul e vermelho próximo à parede. Depois de poucos segundos sem sair do lugar, indagou:

– Ué... Se é tapete mágico de verdade, por que não está voando?

– Lógico que não está voando! - respondeu Júlia, e continuou:

– Tapetes mágicos só voam com o vento. Por acaso está ventando aqui dentro da sala?

1 *Quiação* = Criação



A análise de problemas e a busca por soluções fazem parte do dia a dia do ser humano, inclusive dos mais pequeninos:

- Pega ele, pega ele! - diz Marcelo, de dois anos para o amigo.
- Não!
- Coloca o jabuti em cima do coelho! - insiste.
- Mas por quê? - indaga o outro.
- Porque o coelho é mais rápido!



Duas professoras saem da sala de reunião e encontram uma das crianças apontando o dedinho para o banco do parque enquanto diz:

– Amigos, vocês não podem ficar aqui... Vão procurar seu grupinho!

Uma das professoras se aproxima e pergunta o que está acontecendo e com quem ele estaria falando. O menino responde todo preocupado:

– Tia, eu não sei mais o que fazer! Essas formigas não querem sair daí... Eu já disse que elas têm que mudar o caminho senão alguém vai sentar em cima, mas ninguém me ouve! Converse com elas, por favor!



– O Jesus não gosta que fala palavrão, viu? E nem o Papa! - uma criança repreende o amigo que falou palavrão.

- Mas o que é o Papa?
- O Papa é tipo Jesus, mas diferente, ué!



Se perguntarem para as crianças qual a frase mais usada pela tia Natália, professora de inglês, para expressar surpresa, certamente todos dirão: *my goodness!*

E como o que criança vê, criança faz...

– Heitor, o que você desenhou aí na lousa?

– Ah, *teacher*, é uma *snake*!

– Que bonita sua *snake*! E que cores ela tem?

– *Green, red and brown.*

– Muito bem! E o que ela está dizendo?

– Ah, ela está dizendo: *my goodness!*



Para enxergar o mundo a partir dos olhos da criança, é preciso que o adulto esteja disposto a despir-se de sua roupagem de vivências a fim de retomar um estado de inocência onde a vida ainda se mostra como uma descoberta.

– *Putá! Putá! Putá!* - grita repetidamente a criança no meio da brincadeira no parque.

A professora corre até a menina e pergunta horrorizada:

– O que está acontecendo aqui, Rafaela?

– A *cataputa*, tia! Olha aqui no nosso castelo! A *cataputa* já vai atirar!



Maíra já respirava aliviada por ter saído da aula sem a professora perceber quando, quase chegando ao parque, ouve uma voz:

– Maíra, volte para seu grupo porque devem estar procurando você.

A menina olha para trás e vê tia Tati se aproximando. Então, sem titubear, dispara:

– Tia Tati, você não está bacana!





Duas crianças conversam na sala:

- O amigo do meu pai teve neném!
- O amigo do seu pai? Homem não pode ter neném.
- É claro que homem pode ter neném! Se ele tiver coração no estômago, ele pode!



– Alguém tem uma história para contar para a turma? - pergunta a professora na roda de histórias.

– Eu tenho, tia Paulinha! - responde Miguel – A história da minha gatinha Lila. Na semana passada ela se apaixonou! Minha mãe disse que quando a Lila estava tomando sol lá no quintal, passou um gatão amarelo em cima do muro, todo peludo e empinado. A minha gatinha, quando viu o gato bonito, ficou logo apaixonada. E ele também gostou dela! Minha mãe disse que foi amor à primeira vista... Sabia que isso também existe entre os gatos? Então, já que o gatão não podia vir morar com a gente porque minha casa é pequena, a Lila é que foi morar com ele. Agora eles vão casar e ter muitos filhotes gatinhos.

Os colegas ficaram olhando para Miguel admirados com a história. Então, o menino levantou do lugar, foi até o ouvido da professora e sussurrou:

– Tia Paulinha, essa é a história que minha mãe me contou, viu? Porque a verdade é que a minha gatinha morreu.



- Júlia, sabe por que você não foi no meu aniversário?
- Por quê, Mariana? - pergunta a menina à amiga.
- Porque minha mãe tenta gostar da sua mãe, mas ela não consegue!



Não é raro as crianças nos surpreenderem com um vocabulário elaborado:

- Mas João, por que você não quer ir para o inglês?
- Olha, tia Paulinha... Eu não quero fazer inglês porque eu não tenho a menor pretensão de sair do Brasil, entende?



“Você sabe por que não pode ir lá no meio do mar?”, pergunta Larissa para a colega durante uma atividade sobre o fundo do mar e continua: “Porque lá tem a onda, e a onda é do mal! Ela bate muito forte na pedra e pode afundar você. E se você não obedecer de ficar no rasiño, a gente vai voltar pra casa!”



Durante a roda de histórias daquela tarde, Renato soltou no meio da conversa:

- Eu quero namorar a tia Cibele!
- Todas as crianças olharam prontamente para a professora, que começou a rir, e Marina interveio:
- Mas a tia Cibele é velha para você!
- Renato nem pensou e já disparou:
- E daí? Eu gosto de gente velha!



“Mercado é uma coisa cheia de comida.”



Lucas e Pedro são gêmeos e estão na mesma sala do maternal. Além de unidos pela aparência, os dois são unidos pelo coração: brincam juntos o tempo todo e vivem trocando abraços.

Certa manhã, Pedro saiu com a monitora para ir ao banheiro e algumas crianças se reuniram em volta de um cesto de brinquedos. Lucas buscou o irmão pela sala toda com o olhar na esperança de chamá-lo para a brincadeira. De repente, largou a bola que segurava, atravessou a sala correndo e parou na frente do espelho. Sem hesitar, exclamou para a própria imagem refletida:

– Oi, *Pedo!*



Muitas vezes, as crianças já têm autonomia suficiente para resolver seus próprios conflitos. Com isso, elas iniciam um processo de reconhecimento de suas capacidades e limites, e o adulto não precisa interferir, apenas mediar:

– Você me arranhou, Lucinha, por isso eu dei um tapa nas suas costas!

– Mas está doendo, Ana!

– O seu arranhão também está doendo. Eu sinto dor, sabia?

– Mas o seu tapa dói mais... E eu só arranhei seu braço porque você não me deixou brincar com o baldinho!

– Meninas, vamos conversar sobre como tudo aconteceu. - intervém a professora.

– Sabe o que é, tia Lisi? O que aconteceu é que a gente não se controlou. - responde Ana.

– É isso mesmo. Mas agora a gente vai se controlar, não é mesmo, Ana?

– É sim, Lucinha... Viu, tia Lisi? A gente vai se controlar. - afirma Ana enquanto também acena afirmativamente com a cabecinha e entrega para a amiga o balde de areia.



Paulo tem dois anos e adora as atividades de culinária na escola. Para ele, todos os ingredientes são possibilidades de brincadeira: a farinha quando assoprada vira nuvem, os legumes se transformam em bichinhos, o açúcar cristal é a areia da praia. E então, de repente, a mágica acontece e os brinquedos viram deliciosos bolinhos, tortas e biscoitos.

Numa noite em que Paulo acompanhava a mãe nas compras do varejão, avistou alguém lá no outro lado e ficou extasiado:

– Mamãe, mamãe! E a *tiapitoca*! A *tiapitoca*! - dizia enquanto puxava a mãe pela mão.

– *Tiapitoca*? Que é isso, Paulo?

– Ali ó! - e apontou para Elizandra, a nutricionista da escola, que também ministrava as atividades de culinária para as crianças.

Assim que Elizandra viu Paulo, abriu um sorriso e se aproximou explicando à mãe:

– Isso mesmo! É a *tia de touca*! Eu que faço as atividades de culinária com eles na escola.

Então Paulo observou bem o carrinho de compras de Elizandra, olhou para ela e disse:

– *Tiapitoca*, você vai fazer *cuminária* na sua casa hoje?



– O meu pai é arquiteto! - exclamou Pedro durante a atividade proposta pela professora para identificação da profissão dos pais.

– Que legal, Pedro! E na turminha, alguém aqui sabe o que faz um arquiteto?

– Eu sei, eu sei! - respondeu Anabela de prontidão – Arquiteto é quem faz pizza!

– Como assim, Anabela?

– Ah! É que teve uma festinha no meu prédio na semana passada e a mãe da Juju, minha amiga de lá, chamou os Arquitetos da Pizza<sup>2</sup> para fazerem a comida!



Quando Marcos chegou na escola com o braço imobilizado, foi a sensação da classe. Todos os amigos queriam tocar no gesso e ajudar a decorá-lo: desenhos de dinossauros, casinhas, corações, super-heróis e animais logo pipocaram na superfície branca. E Marcos achava incrível que aquele tombo tão dolorido da sexta-feira no parque tivesse se transformado no sucesso da segunda-feira quando encontrou os colegas.

“Nossa, até os detalhes do acidente os meninos estão querendo saber!”, pensou, admirada, a professora ao ver Marcos rodeado pelos colegas no parque. Vitor, Mateus e João ouviam atentos o relato do amigo quando ela se aproximou.

– O Marcos está contando para vocês como ele se machucou? Assim vocês podem tomar cuidado e...

A professora terminava a frase quando foi interrompida por Vitor:

– Não, tia. Ele está ensinando a gente a cair do mesmo jeito.

– Isso! - emendou João – Assim a gente vai poder ter um braço irado igual ao dele!



– Marina, por que você lambeu o rosto da Mel? - pergunta a professora.

– Ué... Eu queria saber se ela tem gosto de mel de verdade!



“Tia, você não acredita! A gente foi dar cenoura para o coelho Chiquito, mas ele não aceitou. E tem mais: quem aceitou foi o Rodolfo. Mas olha que confuso... Ele é um jabuti!”



– Tia Paulinha, por que você está com um batom em cima da mesa? Não pode usar batom aqui no Thema!

– Não Victoria, isso não é um batom. É uma manteiga de cacau, serve para não deixar minha boca machucar já que ela está muito ressecada.

– Ah, tá! Achei que você estivesse desobedecendo as regras da escola! Aliás... Quais são as regras da escola?

– Hum... Bom, para começar, alguns tipos de alimento não pode, e quando entra no refeitório o cabelo tem que estar preso para não cair na comida... Também não pode trazer maquiagem pra escola porque aqui não é salão de beleza, né?

– Ah, as regras das crianças eu já sei! Mas e dos adultos? Eu queria saber as dos adultos.

– As dos adultos são as mesmas das crianças, mas tem regras de uniforme, por exemplo...

Depois da diretora enumerar alguns itens, Victoria diz:

– Nossa, tia Paulinha, que engraçado! Aqui no Thema os adultos têm mais regras que as crianças!



“O trabalho da criança é brincar.”



“Mamãe, você não vai acreditar. O meu amigo tem a periquita muito, mas muito estranha! Eu fui no banheiro da escola e ele estava lá fazendo xixi em pé... E eu falei para ele que não é assim que faz, que tem que sentar. E então ele pegou a periquita e puxou láááá na frente, mamãe! Aí eu gritei: *assim não! Assim vai machucar!*”



Quando começou a chover granizo sobre a escola naquela tarde de novembro, as crianças que estavam no galpão correram de um lado para o outro tentando pegar as pedrinhas de gelo que caíam lá dentro e quicavam no chão de cimento.

A única criança quieta era Maria. Manteve-se observando as pedras que formavam uma espécie de rede translúcida sobre a grama do parque e divagou sobre como poderiam cair pedras de gelo lá do céu. De repente, correu até os amigos e exclamou:

– Eu já sei! Essa chuva de gelo vem lá dos Polos! E só pode ser do Polo Norte.

– Por que só pode ser do Polo Norte, Maria? - indagou a professora que tentava organizar o grupo.

– Ué... Porque o Polo Norte fica em cima, e só dá para cair o que vem de cima!



A professora começava a organizar a turma na mesa do refeitório quando escutou a vizinha vindo de fora:

– O *bisso!* O *bisso!*

Sem dar muita importância, distribuiu os guardanapos entre as crianças, dispôs as bacias de fruta e, quando já iniciavam o lanche...

– O *bisso!* O *bisso!* - a vizinha de novo, daquela vez misturada com as de outras duas ou três outras crianças.

Intrigada principalmente com o coro crescente, a professora saiu do refeitório e foi ao grupo de meninos e meninas de dois anos reunidos ao lado do muro.

– Cadê o bicho, Lia? - perguntou para a primeira menina que viu.

– Olha! O *bisso!* - disse a garota apontando para cima.

A professora olhou para a árvore e então viu: quatro jacas enormes, “bichos” apetitosos que pendiam do tronco e já alimentavam deliciosamente a imaginação das crianças.



– Tia Paulinha, o que eu tenho que fazer para trabalhar no Thema?

– Você quer trabalhar no Thema, Miguel?

– Quero sim! Como no ano que vem eu não vou mais estudar aqui, mas também não quero ir embora, eu acho que vou trabalhar com alguma coisa na escola. O que eu tenho que fazer?

– Ah, sim! - respondeu, entrando na fantasia do garoto – Você tem que me mandar um currículo.

– Mas o que é um currículo?

– Um currículo é um documento que fala sobre suas habilidades, sobre o que você aprendeu...

– Então você pode me dar um papel para eu fazer meu currículo?

Paula entregou o papel para Miguel, que logo voltou e disse:

– Aqui, tia Paulinha, meu currículo! E o trabalho que eu quero é o que o tio Luiz faz.

– Ah, mas coitado, Miguel! Você vai tirar o emprego dele?

– Não, não... O tio Luiz pode me ajudar! A gente divide as aulas!



“Sou uma menina que não gosta de rosa! Eu acho o azul muito mais bonito, sempre gostei de azul, desde bebezinha. E essa é mesmo a cor que a gente mais vê, é só olhar para o céu e o azul está lá. Olha como é lindo!”, dizia Anita enquanto apontava o dedinho para cima: “Não existe isso de ser cor de menino. Eu sou menina e desde que nasci já era assim. Eu nunca vou gostar de rosa!”





“Eu sei como eu nasci. O papai do céu colocou uma semente na barriga da minha mãe. Então, toda vez que chovia, a semente que era eu crescia. E choveu, eu cresci, choveu, eu cresci... Até que eu fiquei madura e nasci!”



“Eu descobri uma coisa: cada pessoa tem uma profissão. E sabe o que uma diretora faz? O que ela tem que fazer.”



“Sombra é uma coisa que eu vejo no Peter Pan. O Peter Pan tinha uma sombra perto dele, mas ela saiu.”



“Os cangurus vão evoluindo. A cada dia eles ficam mais diferentes. Quando acabam de nascer não têm pelos, não têm garras afiadas, não têm orelhas bem grandes, não têm nada que os papais cangurus têm. Mas quando eles ficam médios, as orelhas crescem um pouquinho e as garras também. Então, quando ficam mais velhos ainda, muito, muito velhos, a gente chama o canguru de adulto. E é assim que as coisas são feitas.”



“Nome é uma coisa que você tem para o amigo saber se você é do bem ou do mal.”



“Você quer saber o que eu fazia quando era pequeno? Eu fazia um monte de maluquices. Eu chegava em casa e fazia uma invenção, à noite eu fazia uma invenção, à tarde eu fazia uma invenção. Fazia invenção em tudo quanto era lugar.”



Ainda na época em que a escola despedia-se de suas crianças no fim do primeiro ano do Fundamental, os pais foram perguntados em uma reunião sobre suas expectativas em relação ao ano que se seguiria.

– Eu estou muito preocupado porque não sei onde colocar minha filha, não sei qual a melhor escola para prepará-la para o futuro. - observou um pai.

– Eu quero muito que meu filho ingresse agora em uma escola bilíngue que tenha atividades todos os dias no período oposto para completar o tempo livre. – disse outro pai.

Uma mãe, então, levantou-se e respondeu:

– Já eu, só quero uma coisa: que minha filha seja feliz esteja ela onde estiver, da mesma forma que foi feliz nos anos em que estudou no Thema. Que tenha amigos por perto em sua caminhada, e consiga aprender sem se preocupar com o que eu espero dela.



“O que a gente vê com o olho vai para uma caixa que fica na memória. De tanta mensagem ela fica gorda e quando morremos ela explode.”



“Você sabia que a gente tem detectores táteis que ajudam a gente a sentir?”



“O nosso dente é um osso. Um osso que cai”



“O coração também cai quando morre, porque só fica o osso.”



Duas mães conversam na frente da escola:  
– O Heitor já fala um pouco de inglês e francês, além de já saber tudo de computação.  
– Que bom! Mas... O seu filho sabe brincar?



“Infância é quando nasce da barriga da mamãe.”



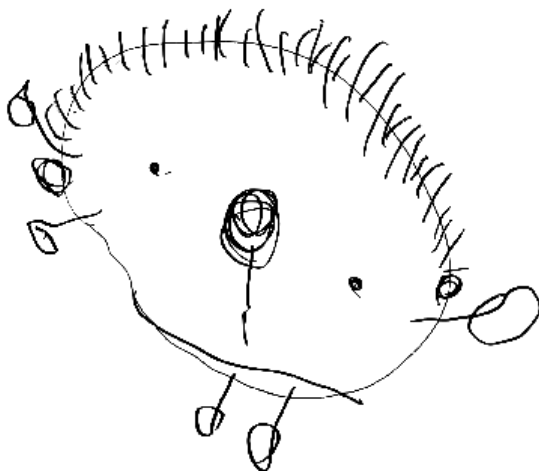
“O cérebro ajuda a fazer as coisas direito. Quem usa a cabeça dos outros pode fazer as coisas erradas.”



“Tia Ana Paula, o que sua mãe fez para você ficar tão pequenininha assim?”



“A infância só acaba quando a gente morre.”





# APRENDER JUNTO



*Mestre não é quem sempre ensina,  
mas quem de repente aprende.*

João Guimarães Rosa



*A escola pretende tomar o aprendizado como uma via de mão dupla, onde o ambiente de experimentação seja vivenciado tanto pelas crianças como pelos adultos, pois ambos os grupos são produtores de conhecimento. Uma escola que valoriza suas crianças é uma escola que cresce com elas.*

## IDENTIDADE

*Por meio da educação a criança vai se reconhecer como membro vivo do todo.*

Friedrich Froebel



Marcela olhou no espelho, abriu o maior sorriso que pôde e começou a admirar seus dentes pequeninos. Eles brilhavam, e ela orgulhou-se por ter conseguido que a escovação do dia fosse um sucesso. Marcela começava a desenvolver autonomia para escovar os dentes sozinha, e nem sempre conseguia lustrar dentinho por dentinho até que eles ficassem parecidos com as estrelas do céu.

Correu até a professora e mostrou-lhe o feito.

– Muito bem, Marcela! - a professora abraçou a menina e continuou para os alunos que ainda não tinham terminado: – Vamos lá, pessoal! Todo mundo escovando muito bem os dentes. Eles têm que ficar bem branquinhos para estarem limpinhos!

A professora sempre repetia a mesma frase, dia após dia, mas naquela hora Marcela teve um clique dentro de si. Caminhou novamente até o espelho e olhou-se: tinha a pele escura como um céu de chocolate. Seu corpo não era branquinho como os dentes deveriam ser, e talvez por isso não fosse limpinho também. “Eu sou sujeira”, pensou.

Quando a professora se aproximou para chamá-la para a classe, a menina parecia confusa. Perguntou-lhe o que faria para ficar limpa, já que o banho não a deixava branquinha.

– Ah, querida, não pense desta forma! - respondeu a professora



um tanto consternada ao perceber que tal raciocínio havia se desenvolvido a partir de uma frase que ela mesma repetia todos os dias para as crianças sem se dar conta realmente do que aquilo poderia gerar. Continuou: – A sua pele ser da cor negra, que é tão linda, não significa não estar limpa. Eu disse para deixarem o dente branquinho pois ele é dessa cor quando está escovado e livre dos restos de comida. Se os dentes fossem vermelhos, eles só ficariam limpos quando tirássemos as manchinhas de outras cores dele. Do mesmo jeito que o chão verde do refeitório só vai ficar limpo depois que alguém varrer toda aquela farinha branca que derrubamos lá na hora da atividade de culinária. No final das contas, as cores são apenas características das coisas, mas não definem o que elas são de verdade.

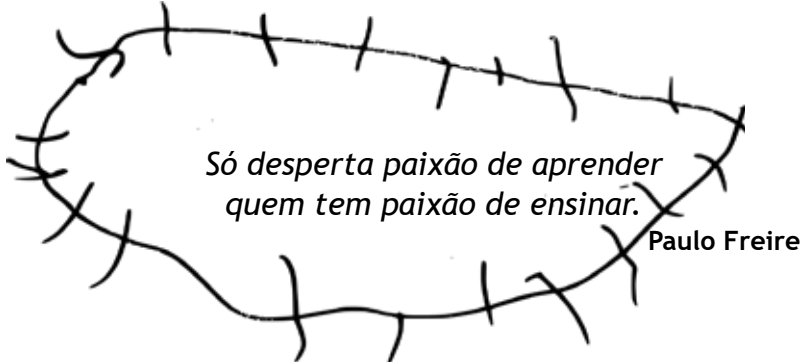
Marcela abriu um sorriso para a professora e disse:

– Então precisamos ajudar as tias a varrerem aquela farinha toda do refeitório, não é mesmo? Não adianta nada limparmos nossos dentinhos se deixamos o chão todo sujo!

– Sim, minha menina linda, vamos lá! Você pode me ajudar a chamar todo mundo? - respondeu a professora enquanto levava a menina pela mão até a classe.

Depois daquele dia, alguns costumes foram revistos. Associações que à primeira vista podem parecer inocentes, mas que carregam informações passíveis de se transformarem em raciocínios equivocados posteriormente, deixaram de existir. Ninguém mais falou em “dente branquinho/limpinho” ou “lápis cor-de-pele”. E Marcela? Ah... Marcela nunca mais pensou que a cor de sua pele significasse algo em relação a estar limpa ou não, estar bela ou não, estar certa ou não. Ela entendeu que ser negra era sua identidade, e que identidade é o nome que os adultos dão para o casamento da alma com o coração.





“Ao estar com as crianças, tive um enorme aprendizado que não constava em nenhum dos meus livros teóricos: o conhecimento de que nós, educadores, mais aprendemos com elas do que realmente ensinamos. Com as crianças, aprendemos que o tempo, o conhecimento, as descobertas, experiências e brincadeiras são amigos inseparáveis, e por isso dão um sabor diferente à vida. Não é à toa que a infância é uma etapa inesquecível!

Talvez por saber que as crianças pequenas são mais sensíveis e intensas às delicadezas da vida, acabei me tornando uma amante e defensora da Educação Infantil. Antes, como professora, um dos meus principais intuítos era o de preservar e proporcionar uma infância de qualidade. Atualmente, como coordenadora pedagógica, esse objetivo ainda continua, mas agora com uma intensidade muito maior.”

CAMILA IZOLI, há 12 anos no Thema

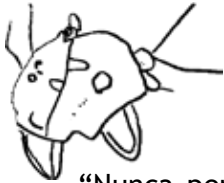
“O Thema é para mim lugar de encontros. Aqui encontro diariamente possibilidades de realizações, encontro-me no que considero mais que um trabalho - trabalhar aqui é ser agraciada com a oportunidade e o compromisso de uma educação inovadora.

O Thema também me desencontra e tira do quadrado, do lugar fechado e cristalizado de ‘quem sabe’, e assim me lança a novas buscas e encontros comigo mesma, com os outros e com os saberes. Escola que é lugar de transformações: transforma valores, transforma pessoas, transforma educação. Transforma sonhos em realidade!”

MARIELLA GUERRINI, há 6 anos no Thema



“O que a gente vivencia hoje é o plantar e o colher. E quem nos deu base para isso foi a Myriam. [...] E a primeira coisa pela qual eu me apaixonei no Thema foi o olhar da Myriam para as crianças. Ela deixava qualquer coisa que estivesse fazendo na diretoria e ia para o meio das crianças, agachava, olhava em seus olhos e estabelecia um diálogo que não era ríspido ou autoritário, era um diálogo afetivo, amoroso, gostoso. E essa base foi mantida totalmente na transição para a Paula. Em nenhum momento nos sentimos desestabilizados na escola com essa mudança de geração porque o objetivo se manteve, o ideal da escola e seus valores se mantiveram.”



FÁTIMA TARALLO, há 13 anos no Thema

“Nunca perder de vista a criança, respeitando e acreditando em sua potencialidade! Ser parte do Thema envolve uma aprendizagem sensível - emoção, olhar, escuta - em que descobertas, experimentações e reflexões geram condições para novos conhecimentos, um novo fazer. É isso que vivencio desde que aqui cheguei. Um ambiente orgânico, com desafios, relações intensas e aprendizados significativos.

O Thema é um espaço de possibilidades. A busca para me tornar uma atenta observadora das oportunidades cotidianas impulsiona meu crescimento como profissional e pessoal. As escolhas, feitas a cada momento, envolvem o desejo de aprender. Acredito que esse desejo sempre fará parte dessa comunidade que vive em constante processo de transformação.”

ANA PAULA BORGES, há 12 anos no Thema

“A primeira vez que eu soube do Thema e quis fazer parte dele foi quando eu vi uma funcionária passando em frente à minha casa com a camiseta da escola. Ali, eu já me apaixonei pela camiseta e pensei: *nossa, eu queria tanto trabalhar nesse lugar...*

*Mas o que vou fazer numa escola se eu não tenho nem o ensino fundamental, não tenho nada? Eles não vão me aceitar! Mas esse foi o lugar que abriu as portas e me deu a oportunidade de crescer, de terminar meus estudos. O Thema faz parte da minha vida e eu faço parte da vida do Thema. [...] E uma coisa que a Myriam me disse e que eu carrego até hoje, inclusive na minha vida pessoal, é que desde que haja uma criança ao seu lado você nunca estará sozinho.”*



TATIANE SERAFIM, há 10 anos no Thema

“O que mais me fascina e nutre no Thema são suas forças e intensidades. Como o vento, a escola se movimenta com energia, velocidades e densidades - da própria matéria de que é constituída e das materialidades que carrega consigo. Fluxo de pessoas de diferentes alturas que ventam no espaço, ventam umas nas outras e ressoam o vento dominante que atravessa continuamente longas distâncias: brisa. Em essência, tornado. Até que encontra um outro vento rajada, se espirala e nova direção inspira.

O Thema é VENTO, não ar. Seu constante mover oxigena cada célula dos nossos sistemas, contudo predomina o efeito de produzir a si, vento. Dissemina possibilidades de germinação, produção de vida. É o impulso que leva grandes ares. Seguimos ventando.”

EMILIANA WENCESLAU, há 3 anos no Thema

“[...] O momento do encontro. Aquele pequeno instante em que as crianças se reconhecem, se olham. Mais do que isso, entrelaçam olhares, trocam carinho e afeto. É aquele momento em que a sua principal relação deixa de ser o brinquedo e passa a ser o amigo. É simplesmente mágico. [...] É gratificante presenciar o início do reconhecimento do outro, como o primeiro amigo na primeira infância.”

MARCIA ALVES, entre idas e vindas, há 7 anos no Thema

“O Thema é também minha família. Eu aprendi muito... Com a Myriam, com a Paula, com as crianças, com cada pessoa daqui. E é isso que eu vou levar se um dia for embora: esse sentimento de que o Thema é um lar.”

PATRÍCIA SCAVASSANI, trabalhou 11 anos no Thema





*Feliz aquele que transfere o que sabe  
e aprende o que ensina.*

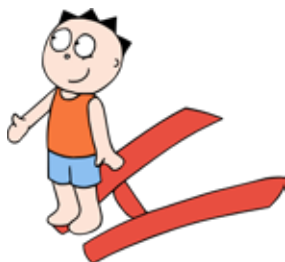
**Cora Coralina**



Este objeto não é um livro.

Tampouco um documento.

O que você tem nas mãos é uma caixa de memórias carregada de sorrisos e muita emoção. Este é o resultado de tardes de conversa e lembrança, em que as colaboradoras que fizeram e ainda fazem a história deste local de feliz educar puderam reviver momentos que marcaram para sempre suas histórias.



**THEMAeducando**

Educação infantil - Ensino fundamental